

Resenha

MOREIRA, Ruy. *Geografia e práxis: a presença do espaço na teoria e na prática geográfica*. São Paulo: Contexto, 2012, 221p.

por Anézia Maria Fonsêca Barbosa¹

A obra de Ruy Moreira resenhada é fruto de uma coletânea de textos, os quais foram publicados e apresentados em diversos eventos pelo Brasil e em revistas científicas na área de Geografia, ao longo dos anos da década de 1970 até os dias atuais. Cabe ressaltar que os textos, os quais compõe o livro, foram, na sua grande maioria, oriundos de Palestras proferidas pelo autor no período indicado, as quais têm como temática central a ação dos homens em relação à natureza e sua constituição enquanto sociedade, a qual, por sua vez, possui a caráter de transformadora dos meios nos quais está inserida.

Desta forma, o livro *Geografia e Práxis: a presença do espaço na teoria e na prática geográfica* foi dividido em três capítulos. Assim, o primeiro apresenta um diálogo sobre toda a evolução da ciência geográfica em diferentes pontos de interseção da sociedade na sua constituição, em que esta é criadora de sua própria história no mundo. O segundo capítulo aborda sobre as categorias de análise social, como espaço e tempo, que possuem um papel fundamental na organização da cultura. O terceiro capítulo

agrupa uma coletânea de artigos que estabelecem o entendimento do espaço geográfico, à luz das atividades sociais presentes, a todo instante, no processo de reorganização dos lugares sociais.

No capítulo intitulado *A Aventura do Espírito*, o autor considera dois momentos de análise da Geografia enquanto Ciência. No primeiro, denominado de “geografia e práxis”, Moreira (2012) considera que a Geografia, em diversas etapas de evolução no campo acadêmico, foi vista por ângulos muitos diferentes, os quais culminaram em uma mudança total na forma como se vê a Geografia dentro de uma avaliação do discurso e da prática.

Dentro deste contexto, as análises teóricas foram dando lugar para a compreensão do homem como um ser transformador e totalmente integrante da formação do espaço geográfico. Assim, a Geografia, em um momento inicial, é analisada de uma forma muito abstrata, ou seja, a maneira empírica é o que predomina na observação das relações entre a sociedade e a natureza. Mas, é relevante afirmar que “tudo na Geografia surge na prática espacial” (MOREIRA,

2012, p. 17), sobretudo, na medida em que é na organização dos espaços sociais que se compreende melhor a forte dependência do homem diante do meio.

A questão da práxis, como meio norteador para a discussão da Geografia enquanto ciência, dá condições para o entendimento do papel da sociedade como detentora das condições materiais de organização do meio cultural, bem como o meio físico, que oferece as condições primordiais para fundamentar o trabalho social. Neste sentido, as atividades realizadas por várias comunidades passam a especificar a formação de diversos territórios, contribuindo, decisivamente, para a formação de diferentes sociedades existentes no mundo.

Ademais, ressalta-se que a renovação do discurso geográfico se deu em um momento em que as mudanças ocorridas no seio da sociedade mundial passaram a tomar dimensões que foram além do campo de observação empírica, dando lugar para as avaliações de cunho mais científico. Por esse motivo, o autor destaca que os velhos temas abordados na Geografia passaram a ter novas formas de enfoques, os quais aproximaram e estreitaram, ao mesmo tempo, a relação homem-meio, contribuindo, assim, para uma melhor compreensão do papel da Geografia, enquanto uma ciência social, cuja base de sustentação, ostentação e recriação do espaço geográfico é o meio físico.

No entanto, é relevante considerar que somente na segunda metade do século XX é que a Geografia científica passa a ser utilizada como objeto para explicar os diversos paradigmas inerentes às condutas da sociedade. Por conseguinte, a introdução do suporte físico como

elemento determinante na organização dos espaços contribuiu na análise mais específica de como os espaços naturais adquirem uma dinamicidade, a partir do momento em que sofrem constantes alterações e na medida em que se adaptam cada vez mais às necessidades primárias das populações.

Compreender tais circunstâncias é dar condições para tecer considerações sobre as mutações provenientes da evolução econômica e social, mutações essas que consistem em novos reordenamentos do arranjo espacial com o objetivo principal de atender as demandas da sociedade, cada vez mais acirradas para simbolizar, no espaço geográfico, seu modo de vida, marcando profundamente seu momento na história social.

Deste modo, no subcapítulo intitulado *Velhos Temas, Novas Formas*, Moreira (2012) destaca que os acontecimentos da vida em sociedade, representados nos dias atuais pela hegemonia de um mercado econômico, de uma população cada vez mais dependente de um meio técnico e informacional, exigem novas formas de pensar e agir no mundo, a partir dos velhos legados deixados para a Geografia.

Para isto, os velhos conceitos abordados na ciência geográfica, como espaço, poder, território, dentre outros, passaram a ser relacionados às atividades ora desenvolvidas pela sociedade, por serem parte integrante das atividades ocorridas nos âmbitos políticos, econômico, social, cultural e ambiental, dentre outros. Para Ruy Moreira (2012), os mais diversos paradigmas até hoje extremamente fortes na abordagem geográfica são questionados quando se avalia a articulação do espaço dentro do período denominado por

Milton Santos de “técnico-científico-informacional”.

Tal momento é considerado como a característica que marca, hodiernamente, toda a sociedade mundial, num processo de integração de todos os sistemas naturais e sociais que conduzem a organização do espaço geográfico. No entanto, esta condição de articulação valoriza os produtos que são fundamentais na estratégia de organização e espacialização da cadeia produtiva, promovendo, assim, a divisão social e territorial do trabalho.

Na segunda parte do livro, a qual Moreira (2012) intitula de *A Anatomia do Discurso*, é apresentada uma análise da Geografia, dentro de vários eixos, um dos quais diz respeito à estrutura geográfica da sociedade contemporânea. Nesta parte, Moreira considera que o conjunto e o aperfeiçoamento das técnicas é, nos dias atuais, o principal completo do trabalho social e responsável por provocar, em diferentes partes do mundo, o processo de desterritorialização.

Essa condição só ocorre porque, a cada nova espacialização das atividades realizadas pela sociedade, um novo momento de territorialização acontece em qualquer parte do mundo. Por conseguinte, os processos de adaptações a outros espaços, nos mais diferentes meios de produção do trabalho e de seu convívio diário, levam a novas formas de organizações dos territórios, separando, gradativamente, o homem em seu próprio mundo.

A representação deste mundo de contrastes ocasiona o questionamento do paradigma da modernidade, colocado tanto em evidência no período hodierno. Todos os períodos da evolução da sociedade na história estão representados por

simbologias bastante diversificadas, as quais mantêm o sincretismo que expõe o novo e o velho no conjunto das formas de avaliação e análise do espaço geográfico.

Assim, todo o capítulo aborda a ontologia do espaço como uma representação social capaz de gerar contradições de organizações e uma abstratividade de pensamento e percepção do espaço geográfico. Desta maneira, Moreira (2012, p. 97) ressalta que:

O espaço aparece como topológico, percebido, produzido, concebido, vivido, simbólico; a diversidade de forma que a imagem aglutina no ponto do encontro da mente, faz dessas formas momentos do movimento do próprio espaço.

Cabe, aqui, destacar que, com toda essa evolução e análise dos espaços culturais, a paisagem passa a ser representada como a maior simbologia das tensões políticas e culturais que marcam a evolução dos povos em seus territórios. E é nesta linha de pensamento que todos os conceitos trabalhados na compreensão da Geografia enquanto ciência mantém a articulação dialética da formação socioespacial dos espaços geográficos. 203

No terceiro e último capítulo, intitulado *O Tabuleiro de Xadrez*, Moreira (2012) faz uma análise crítica das formas organização da sociedade capitalista nos dias atuais, questionando os paradigmas de ordenamento dos espaços, à luz do sistema capitalista. Tal forma de manutenção e reprodução dos espaços culturais é condição ímpar de ostentação do capitalismo.

Nesta parte da obra, o autor considera o capitalismo como parte integrante da organização dos espaços, enquanto fenômeno social, e, que a divisão social do trabalho favorece a formação de

espaços cada vez mais especializados, levando à segregação das comunidades econômicas mundiais. Deste modo, Moreira tem o entendimento de que toda a ação da humanidade, no período hodierno, é regida pelo tempo determinado do sistema ora atuante, e que as dinâmicas nas relações de diferentes espaços são determinantes para integrar e, ao mesmo tempo, separar as comunidades que não estão totalmente conectadas ao meio técnico e científico.

Neste sentido, o autor caracteriza vários espaços de valorização global, os quais se tornaram eixos de desenvolvimento de uma parcela significativa de regiões do mundo, as quais comandam uma quantidade expressiva de mercados em outras áreas mais pobres do planeta. Ademais, Moreira (2012) ressalta os diferentes espaços de valorização, dentre eles estão os de mais-valia absoluta e relativa, pois, assim como na expressão matemática, criam-se locais com grandes riquezas materiais (mais-valia absoluta) e outros que vivem a margem de todas as regalias provenientes do sistema capitalista (mais-valia relativa).

Por conseguinte, Moreira (2012) deixa claro, nos subcapítulos desse capítulo, que a compreensão dos espaços do presente é necessária para entender a grande diversidade criada pelo sistema capitalista, em todos os

lugares, perante o modelo de desenvolvimento econômico adotado pelos países no mundo.

Assim, as multifaces apresentadas nas paisagens sociais, em qualquer local do planeta, são consequências dos modos desproporcionais de exploração das terras, sobretudo no período de colonização, que marcaram, até os dias hodiernos, todas as diferenças socioespaciais, as quais dinamizam, de maneira rápida e inesgotável, as organizações humanas pelo mundo. É desta forma que Ruy Moreira finaliza a obra discutindo a produção do espaço como a maior simbologia deixada pela sociedade em momentos variados. Enfim, o espaço, enquanto objeto de estudo da Geografia, deverá conter sempre teses para serem questionadas e resolvidas.

NOTA

¹ Geógrafa; Doutoranda em Geografia na Universidade Federal de Sergipe - UFS. Atualmente é Professora de Geografia da Secretaria de Educação do Estado do Maranhão (SEDUC-MA) e Membro Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Geocologia e Planejamento Territorial (GEOPLAN/CNPq/UFS).

E-mail: aneziamaria.barbosa@gmail.com